

A LITERATURA DO EXTREMO-NORTE NO ÂMBITO ESCOLAR

Ruy Pinto Pereira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Os eventos sócio-político-econômicos internacionais que marcaram a última década do século passado, pós-(des-) União Soviética ; o surgimento e desenvolvimento info-tecnológico das redes globais de comunicação , causadoras da (des-) ilusão da interação transnacional , somados às preocupações ecológicas mundiais de preservação e combate à destruição planetária, desencadearam a (re-) emergência da Amazônia como tema da nova ordem econômica no tocante a sua virtual importância nas questões referentes à biodiversidade.

Nesse contexto , é evidente a tentativa da nova ordem de , através do discurso midiático globalizado , internacionalizar a região , querer tratá-la como um lugar sem povo , sem tradição , o que justificaria a sua apropriação e conseqüente desanexação da nação brasileira.

É em contraposição a esse discurso – que eu chamo de “palestinização do povo da Amazônia” – que evocamos a necessidade urgente de uma reflexão profunda e responsável por parte daqueles que estão no papel de produtores do saber literário (quer na forma de mediadores do discurso , quer na forma de agentes mercadológicos), para a inclusão da literatura do extremo-norte , desde sempre excluída e marginalizada pelo cânone vigente , no âmbito da mediação escolar , a fim de que se ampliem as fronteiras do imaginário brasileiro e conseqüentemente a consciência de brasilidade na defesa do patrimônio cultural e político do Brasil .

Se efetivamente acreditamos que a escola é um espaço de mediação privilegiado,

“instituição responsável pela formação do leitor e espaço fundamental de discussão acerca da herança cultural a ser aprendida , ensinada e ampliada” , conforme nos diz o resumo do simpósio *Literatura e Mercado : a mediação escolar* , VIII CONGRESSO DA ABRALIC , um rápido olhar nos manuais de ensino de Literatura Brasileira , a saber os de William Roberto Cereja (1999) , Faraco & Moura (2000) e José de Nicola (1998), os mais usados nas escolas da Região Concentrada , formada pelo Sudeste e pelo Sul , conforme sugestão de Milton Santos (2001) para uma nova “divisão regional baseada, simultaneamente , numa atualidade marcada pela difusão diferencial do meio técnico-científico-informacional e nas heranças do passado” , pode-se ver perfeitamente que o que se configura como o imaginário literário brasileiro coincide , ironicamente , 180 anos depois da Independência , com o primeiro mapa do Brasil de então, conforme se observa a seguir (figura 1), mapa retirado de Carlos W. P. Gonçalves (2001):

Fig. 1: A Amazônia e a unidade territorial do Brasil



São várias as lições do autor neste livro *Amazônia , Amazôniaas* , e não cabe esgotá-las aqui . Gonçalves observa que, se o olhar sobre a Amazônia (o “quarto Brasil”, dos Brasis de

Milton Santos) a vê como uma região homogênea _ Natureza , Floresta , Atraso , Reserva de Recursos , e enfim , Futuro do Brasil _ , o olhar da região a apresenta “extremamente complexa e diversificada (...) desafio `a inteligência (...) patrimônio que as populações originárias e tradicionais (...) oferecem para o diálogo com outras culturas e saberes”.

O que se pode inferir , então , é que a Amazônia não está no mapa , assim como não está Dalcídio Jurandir , modernista da 2ª fase , romancista que se incluiria no rol dos autores sociais, de acordo com o enfoque historicista de época, se houvesse tido a recepção crítica adequada e atenta como outros de seu tempo tiveram.

Reforçando nosso ponto de vista , Eduardo Portella (1986) afirma que a “crítica verdadeiramente deste século [xx] surge com Alceu Amoroso Lima (...) Tanto os romancistas nordestinos ou os da faixa centro-sul , quanto os poetas mineiros dos anos 30 encontraram nele o crítico atento”. Mais adiante , “a nossa crítica contemporânea começava bem . Mas não poderei dizer , sem incorrer em grave equívoco , que ela continuou bem (...) Os anos sucessivos a 30 iniciaram um declínio que culminaria por 45”. Donde se pode concluir que não houve quem tratasse adequadamente do “regionalismo” do extremo-norte , quando do aparecimento de Dalcídio.

Segundo Alfredo Bosi (1990), Dalcídio é “o mais complexo e moderno de todos [os autores da região]” , e faz um lembrete no pé-de-página de que há a hipótese de autores amazônidas virem a ser observados dentro de um conjunto transnacional de autores hispano-americanos , por certa peculiaridade comum a todos.

Antonio Candido (2000) , no ensaio *Literatura e Subdesenvolvimento* , situa seu comentário das características literárias de um regionalismo que tem origem no Romantismo em duas fases: uma , ele chama de “consciência amena do atraso”, responsável por procedimentos que ressaltam o exotismo , o folclórico e a cor local , na crença que corresponderia à ideologia de

“país novo” ; outra , denomina de “fase da consciência catastrófica do atraso” , correspondente à noção de país subdesenvolvido , flagrante na 2ª fase do modernismo brasileiro de 30 e 40. A essa fase ele atribui uma superação em relação à primeira , dizendo que “um dos traços positivos da era da consciência do subdesenvolvimento é a superação da atitude de receio , que leva à aceitação indiscriminada ou à ilusão de originalidade por obra e graça do temário local” , tornando o regionalismo um anacronismo.

A realidade econômica não nos permite dizer que no Brasil o regionalismo possa ser descartado , daí a necessidade de o estudarmos não mais como um reflexo da dependência, mas como “uma mistura sutil e complexa entre o elemento europeu e o elemento autóctone”, apropriação livre, destruidora e desviante, conforme lição de Silviano Santiago (1978) no ensaio *O Entre-Lugar do Discurso Latino-Americano*, que nos permite tomar como também adequada a Dalcídio Jurandir e Guimarães Rosa , a crítica de Candido (op. cit.) a Vargas Llosa em relação ao romance *La Casa Verde* : “...consciência técnica , onde o pitoresco e a denúncia são elementos recessivos , ante o impacto humano que se manifesta , na construção do estilo , com a imanência das obras universais”.

Candido conclui seu ensaio propondo uma terceira fase “que se poderia (pensando em surrealismo ou super-realismo) chamar de super-regionalista”. Suas características estariam apoiadas na incorporação de “elementos não-realistas , como o absurdo , a magia das situações ; ou técnicas antinaturalistas como o monólogo interior, a visão simultânea ...” , qualidades textualmente comprováveis no primeiro romance de Dalcídio Jurandir , *Chove nos Campos de Cachoeira* , publicado como vencedor do concurso Vecchi Editora/Dom Casmurro , 1941 , no Rio de Janeiro.

Ao propor o super-regionalismo , abre-se para o autor paraense a oportunidade de dizer de seu texto que se todas as aparências levam a crer que seus romances são regionalistas , isso se

deve ao total desconhecimento da complexidade que se pode observar , quer no nível da enunciação , quer no do enunciado da sua narrativa:

Eutanázio criara os monstros que o devoravam, lentamente. Rompiam-se no seu silêncio dores fundas, pequenas dores, meias dores monótonas pingando das horas. Pequenos ódios, remorso de não odiar como devia, de não se maltratar como é preciso. Ter assim um desprezo de si mesmo. Aquele que o levou à barraca de Felícia. Mas o seu passado? Por exemplo , o que foi que fez aos vinte anos? Qual foi o acontecimento aos vinte anos? Tudo enfim entuhlado naquele vagaroso e inevitável desabamento. Queria identificar alguma coisa de sua vida no passado. Não pode destacar nada, tudo é irreconhecível. Cenas miúdas, vozes chatas, ralhos, um copo se quebrando, uma criança gritando, suas irmãs enxotando galinhas e cachorros. Um gramofone. Onde essa serenata que todo dia o persegue? Os sonhos se misturam com as cenas perdidas, alguém ri.

Irene volta a rir. As mãos ficam frias. Teria coragem um dia de matar Irene? Não será talvez uma liberação? Os cacos de dente doem.

O próprio personagem criou o seu destino: “*Eutanázio criara os monstros que o devoravam...*”; não há um determinismo do mundo natural ou social. O que se percebe é que o indivíduo se define por sua história e se reconhece pelo exame da memória: “*Cenas miúdas, vozes chatas, ralhos, um copo se quebrando, uma criança gritando,...*”; concepção sofisticada de memória e de um mundo subjetivo tributários dos conhecimentos mais atuais e da própria literatura contemporânea.

A mediação escolar não pode se pôr à margem dos fatos e servir de mero reproduzidor de velhas concepções de identidade nacional ligadas às origens de formação dos estados latino-americanos.

É necessário rever expressões conceituais como colonialismo e imperialismo , demandas históricas da passagem de “mando” entre Europa e Estados Unidos respectivamente , para uma

nova ordenação “em uma posição periférica e dependente dentro de um sistema mundial de intercâmbios desiguais e disseminados”, como ensina Canclini (1999).

Avançando a reflexão , a escola tradicional procura manter, sem saber como , nem por que, apenas a concepção de cidadania , sem admitir que na nova ordem somos, no dizer de Canclini (op. cit.), na verdade , “conjuntos atomizados de consumidores” , o que não impede que se reconceitue “o consumo [visto] como simples cenário de gastos inúteis e impulsos irracionais , [para] espaço da racionalidade econômica , sociopolítica e psicológica nas sociedades”.

Se for feita a inserção do Extremo-Norte nesse modo da nova ordem , fato já bem adiantado nas ações de consumo em todos os níveis, menos no escolar , podemos ver o quanto renderia refletir e pensar sobre seu universo sócio-antropológico-cultural para a construção da consciência crítica de brasilidade.

Dalcídio Jurandir, nesse contexto, está duplamente à margem: enquanto homem latino-americano que pertence a uma Amazônia geo-politicamente vista como área ecológica para fins comerciais e industriais, em detrimento de suas populações; e enquanto um artista excluído de uma Amazônia que se quer integrada ao Brasil criticamente, mas expurgada pelos projetos excludentes da cultura e políticas públicas de ensino e educação brasileiros.

Referências bibliográficas

DE NICOLA , José. *Literatura Brasileira : das origens aos nossos dias*. São Paulo : Scipione , 1998 .

CEREJA , William Roberto . *Literatura , produção de texto e gramática , vol. III*. São Paulo : Atual , 1999 .

FARACO&MOURA. *Língua e Literatura* .São Paulo : Ed. Ática , 2000

SANTOS , Milton . *O Brasil : território e sociedade no início do século XXI* . Rio de Janeiro : Record , 2001

- GONÇALVES , Carlos W. Porto . *Amazônia , Amazôniaas* .São Paulo : Contexto 2001.
- PORTELLA , Eduardo . *Literatura e Realidade Nacional* . Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro , 1986
- BOSI , Alfredo . *História Concisa da Literatura Brasileira* .São Paulo : Cultrix , 1990 .
- CANDIDO , Antonio . *A Educação pela Noite e outros ensaios* . São Paulo : Ed. Ática , 2000 .
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos Trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978
- JURANDIR , Dalcídio . *Edição crítica de Chove nos campos de Cachoeira*. Belém : Unama , 1998 .
- CANCLINI , Néstor García . *Consumidores e Cidadãos ; conflitos multiculturais da globalização* . Rio de Janeiro : Ed. UFRJ , 1999 .
- .